



OCCIDENTE (O). REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

– Publicou-se entre **1878** e **1915**, ao ritmo de três números por mês. Somou 1315 números ao longo dos seus 38 anos de edição. Uma longevidade que atesta o sucesso deste projecto editorial, que teve em **Caetano Alberto da Silva**, gravador e principal capitalista da empresa *Occidente*, e em **Manuel de Macedo**, desenhador ilustrador, os seus grandes dinamizadores. A edição de publicações periódicas ilustradas em Portugal já não era uma novidade. O que marcou a diferença foi que *O Occidente* fez escola e foi escola de gravadores.

De facto, o projecto alicerçou-se na criação de um **atelier de formação de gravadores**, porque com os que então existiam não era possível assegurar a actualidade imagética que se pretendia imprimir à publicação, nem tão pouco a reprodução de obras de arte nacionais, as recreações históricas, etc., que faziam parte do seu programa. Contratá-los no estrangeiro estava fora de questão, pois *O Occidente* fazia questão de ser, tanto quanto possível, um produto 100% nacional.

Montou-se, pois, o atelier de gravura na Rua do Loreto, em Lisboa, sob a direcção do mestre Caetano Alberto. E, quando a revista saiu do prelo pela primeira vez, contava com uma equipa de 7 artistas gravadores: Rosalino Cândido Feijó, Manuel Diogo Netto, Domingos Casellas Branco, Jorge dos Reis, José Augusto d'Oliveira, José António Kjolner e A. Francisco Villaça. Em 1903, quando a publicação celebrou os seus 25 anos de vida, os últimos três já haviam falecido. Possivelmente, nem foram substituídos porque, entretanto, a fotografia ia batendo a ilustração, mercê da sua versatilidade, custo e promessa de veracidade. Sinal dos tempos, que *O Occidente* procurou acompanhar, chamando às suas páginas os “clichés” (fotografias) de Alberto Lima, Ciríaco Tavares da Silva, Benoliel, Rocchini, Carlos Relvas, Carlos Vieira, Coutinho, Menezes, Santos, J. Azevedo, F.G. Marques, Manoel Abreu, António P.A. Leite, além dos produzidos por amadores atentos e prevenidos, ou comprados a empresas nacionais e estrangeiras.

Outro ponto forte deste projecto era, naturalmente, a qualidade dos seus colaboradores, que tanto brilhavam no campo literário, como no científico ou técnico. *O Occidente* é uma revista muito diversificada no que toca a conteúdos, pois no seu horizonte está um amplo espectro de públicos em matéria de interesses, até porque contempla os dois géneros. Não quer isto dizer que trate de assuntos femininos clássicos, como a moda ou os lavoures. Pelo contrário, a **mulher** idealizada pel’ *O Occidente* seria moderna, intelectual, interessada na vida social das altas personalidades, nas artes, na literatura, na história, quiçá por algumas curiosidades científicas e suas aplicações práticas, marcando a marcha do progresso civilizacional. Mas menos por política. Por isso, quando, em 1889, a revista decide abrir espaço nas suas páginas para comentar o evoluir contorcido desse plano da realidade – através da rubrica *Revista Política*, da lavra de “João Verdades”¹ –, as

¹ Óbvio pseudónimo, que podemos atribuir a Tito Gonçalves Martins (1868-1946), jornalista com vasta colaboração em jornais e revistas portuguesas e brasileiras, e com obra literária publicada.

suas primeiras palavras justificativas são para elas: «Não se assustem as nossas gentis leitoras com o título d'esta secção que o *OCCIDENTE* hoje inaugura, nem os nossos leitores imaginem que vamos quebrar lanças na peleja apaixonada da política partidária.»²

Essa opção por manter os leitores «ao facto do que se vae passando na política», mas com distanciamento crítico, revelar-se-á difícil de sustentar. Até porque assumirá, sobretudo no que toca à política nacional, a forma de comentário, que dificilmente esconde as simpatias e as rejeições de quem o redige. Além da já referida coluna de “João Verdades”, a política conquistará espaço na *Chronica Occidental*, em regra, assinada pelos directores literários que a revista conheceu ao longo dos seus 36 anos de vida: **Guilherme d’Azevedo** (1878 a 1880), **Gervásio Lobato** (Setembro de 1880 a Junho de 1895, quando falece), **João da Câmara** (1895 a Dezembro de 1907, quando falece), **Alfredo Mesquita**, que a partir do n.º 1048, assume o pseudónimo de **João Prudêncio** (Janeiro de 1908 a Dezembro de 1912) e **António Cobeira** (1913 a 1915). Esporadicamente, Caetano Alberto, o director e proprietário, também verte a sua prosa na *Chronica Occidental*.

O tempo de vida d’ *O Occidente* fê-la contemporânea de um período prolífero em mudanças, no país e no mundo. As ideias correm agora velozes por telégrafos, telefones, e os homens circulam a velocidades impensáveis por carris, sobre rodas e até já vão conquistando o ar. Novas formas de produção de riqueza concorrem com modelos tradicionais, impondo outros equilíbrios, quer entre os homens, quer entre as nações. Aqui, a Monarquia Constitucional deu lugar à República. Noutro canto da velha Europa, a revolução prepara-se em nome de uma sociedade socialista. Do outro lado do Atlântico, projecta-se a sombra cada vez maior dos Estados Unidos da América. E África é, mais do que nunca, um enorme tabuleiro onde todos querem lançar cartas.

E até elas, as leitoras, são agora incentivadas a dar um contributo mais directo para a mudança que assola o mundo, por via de uma série de textos sobre a luta das sufragistas inglesas, publicados a partir de 1912. A **emancipação da mulher** tornar-se-á, então, um tema recorrente.

Todo este admirável e assustador mundo emergente ecoa pel’ *O Occidente*, através da combinação inteligente da imagem e da palavra. O apuro é tal que, nas oito páginas de cada edição, há ainda espaço para a filigrana dos dias – as novidades editoriais, os espectáculos, a necrologia, a meteorologia e outras miudezas.

A partir de 1914, a atenção que o *Ocidente* dedicava ao plano internacional alargou-se consideravelmente. O jornal passou a acompanhar e a comentar o contínuo e crescente armamento das nações e o xadrez estratégico que se foi desenvolvendo no terreno. Na primeira edição de Agosto, alertou os leitores para a inevitabilidade que avizinhava: «Tudo nos leva a crer que estamos em vespas de um dia de carnificina hedionda. Á hora que escrevemos, a imprensa de todo o mundo alastra sobre as almas uma tinta negra de informação.» Na edição seguinte, **assumiu a defesa do envolvimento de Portugal na guerra europeia**, insurgindo-se com ferocidade inusitada contra os que queriam manter-se distantes do conflito, porque duvidam da capacidade bélica nacional ou da necessidade de participação: «... E ainda será possível a existência de criaturas racionais que neguem a portugueses de hoje as qualidade antigas de bravura e tino bélico?... Se existem – esmaguem-

² *O ocidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*. N.º 361 (1889), p. 7.

nas, sem consideração, como escalrachos de malefício Esses pequeninos seres rasteirinhos são indubitavelmente nocivos, no momento actual.»

O tratamento atento e cuidado que é reservado à cidade de **Lisboa** fazem d' *O Occidente* uma relevante fonte de informação sobre a cidade. Pela sua dimensão, destacamos: *A Velha Lisboa (Memórias de um bairro)*, de **Gustavo de Matos Sequeira**, publicada ininterruptamente entre 1906 e 1909; o estudo de **F. Júlio Borges**, sobre *Parques e jardins de Lisboa*, publicados entre 1913 e 1914; e a edição dupla dedicada à proclamação da República, que sai no dia 20 de Outubro.

Uma referência também para as **Cartas familiares**, redigidas por **José Baretto**, que se encontrava em Lisboa, ao tempo do terramoto de 1755. Tudo indica que foi *O Occidente* que as editou pela primeira vez em Portugal, numa tradução de Alberto Teles.³

No âmbito mais lato das ideias, e seguindo o mesmo critério da dimensão e continuidade dos textos, destacam-se as reflexões que **D. Francisco de Noronha** desenvolve, em 1900, sobre temas como a origem do socialismo, a escravatura, a miséria, a propriedade, o trabalho, a família e o mundo infantil, publicadas sob o título **Questões Sociais**.

A oferta literária era também contínua e variada. Não será exagerado afirmar que, a partir da segunda metade do século XIX, a imprensa deu um largo contributo para a criação do gosto pela leitura e, conseqüentemente, para a divulgação dos autores estrangeiros e nacionais. Em regra, em cada ano de edição, o *Ocidente* ofereceu à leitura, pelo menos, um romance ou novela, que distribuía, de forma contínua, pelas edições. A título de exemplo, referimos: «Os últimos amores de Goethe», de Maria Amália Vaz de Carvalho (1878); «A comédia da vida. Romance d'um amanuense», de Gervásio Lobato (1889); «Um ultimo senhor um velho solar», romance húngaro, por Paulo Gyulai (1903); ou «Amor por sugestão» tradução de um original inglês (1908).

Evoca-se ainda o nome de alguns dos **colaboradores mais regulares da revista**, sobretudo após 1902, já que para o período anterior há informação detalhada na já referida edição que assinala o seu 25.º aniversário. Entre muitos outros, redigiram textos para *O Occidente* os seguintes autores: Ruy de Aboim, Brito Aranha, Ribeiro Arthur, Maximiliano de Azevedo, Vilhena Barbosa, Mário Brandão, Nogueira de Brito, Julio de Castilho, Luiz Chaves, J. Ribeiro Christino, Victor Moraes Júdice da Costa, Manuel da Granja, Henrique Marques Júnior, Almada de Lacerda, M. Cardoso Martha, Fernando Mendes, Henrique Lopes Mendonça, A. de Mello e Niza, Damasceno Nunes, Ramalho Ortigão, António Corrêa D'Oliveira, J. A. Macedo de Oliveira, Esteves Pereira, Alfredo Pinto, Dr. Cortez Pinto, Pedro Pinto, Teixeira de Queiroz, Hippolyto Raposo, Brito Rebello, do grupo fundador da publicação, Francisco Serra, Ricardo Souza, Alberto Telles.

Retoma-se, agora, o enfoque na publicação propriamente dita, para referir outros detalhes sobre a sua produção. O seu primeiro impressor foi o reputado **Adolpho Lallemant**, cuja tipografia estava sedeadada no n.º 6, da Rua do Tesouro Velho, em Lisboa. Posteriormente, a impressão d'*O Occidente* passa por várias casas da capital: Typographia Elzeviriana, de Caetano Alberto & Faro (Out.1883 a Abr.1887); Typ. Castro Irmão (Maio 1887 a Jan.1890); Typ. e Lyth. de Adolpho, Modesto & C.^a

³ *O ocidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*. N.ºs 618-620, 622, 624-627, 629, 630-634, 636-641 (1896).

que, em 1894, é adquirida pela Barata & Sanches (até Dez.1904); Typ. do Anuario Commercial (até Out.1914); e, por último, a Typ. de César Piloto. Presente numa série de exposições em que o país se fez representar, *O Occidente* viu reconhecida a sua qualidade através de **prémios**: menção honrosa, na Exposição Universal de Paris, de 1878; medalha de cobre, na Exposição Internacional de Antuérpia, de 1894, e na Exposição Universal de Paris, de 1900; e o «Grand-prix» nas exposições universais de S. Luís, em 1904, e de Lovaina, em 1907.

Não há informação quanto à sua **tiragem**, mas não seria superior a 1000 exemplares. A sua longa vida dependeu, em grande medida, da vontade e do esforço dos homens que se envolveram neste projecto editorial. Quando *O Occidente* completou o seu 25.º aniversário, ainda mantinha algumas dezenas dos seus primeiros assinantes, facto que refere com orgulho, revelando-lhe a identidade.⁴

Para a sua **distribuição** a empresa *Occidente* contava, no caso dos assinantes, com os serviços de correio, e para as vendas avulso com uma rede de agentes presente em «todas as capitães de Distrito do continente, Ilhas, Possessões Ultramarinas, em Berlim, Manchester, Paris, Leipzig, Madrid e em diferentes estados da Índia, Brasil, Califórnia, Japão, etc.»⁵

Em relação ao **preçário** de lançamento, a revista conheceu apenas uma actualização, em 1881, o que é mais um sinal do grau de envolvimento pessoal dos elementos da equipa dirigente e, possivelmente, até de alguns colaboradores⁶. De qualquer forma, é notório que a empresa *Occidente* procurou outras fontes de rendimento, como a edição de suplementos temáticos, sobretudo gravuras, a partir de 1880, e do *Almanach Illustrado do Occidente*, a partir de 1887; e a venda de espaço publicitário, que ocorre em 1902.

Fica uma última chamada de atenção, desta feita, para a ortografia, ou melhor, para a sua evolução ao longo dos 37 anos de vida d'*O Occidente*. Um pormenor, mas exemplificativo do tempo necessário à mudança nesse domínio. Daí resulta a presença, na mesma edição, de formas gráficas antigas e modernas. Afinal, tudo depende dos que escrevem, da sua maior ou menor abertura intelectual e da sua capacidade de ultrapassar o passado.

Rita Correia

(26/06/2008; actualizada em 16/03/2012)

Bibliografia:

Grande enciclopédia portuguesa brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro : Editorial Enciclopédia, Lda., s.d. Vol. XIX, p. 167.

ANDRADE, Adriano da Guerra - *Dicionário de pseudónimos e iniciais de escritores portugueses*. 1.ª ed. Lisboa : Biblioteca Nacional, 1999. ISBN 972-565-262-2.

⁴ *O ocidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*. N.º 829-830 (1902).

⁵ *O ocidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*. N.º 1231 (1913), p. 60.

⁶ A título exemplificativo referimos aqui a evolução da assinatura anual, para o Continente, que passou de 2\$600 para 3\$800. O preço de venda avulsa manter-se-á inalterável: \$120.